

Representação social da violência física sofrida em relações amorosas por mulheres e crenças disfuncionais

Social representation of physical violence suffered in love relationships by women and dysfunctional beliefs

Lila Maria Spadoni Lemes¹, Romyilton Alessandro da Silva Costa¹

RESUMO: O objetivo deste estudo é investigar a representação social da violência física sofrida por mulheres em relações amorosas. A realização da pesquisa ocorreu em quatro Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de Goiânia através de entrevistas abertas que foram gravadas e posteriormente transcritas e organizadas para serem analisadas pelo software IRAMUTEQ através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Foram entrevistadas 12 mulheres que sofreram ou ainda sofrem violência física em seus relacionamentos amorosos atuais. Por meio da CHD, obteve-se um Dendrograma constituído por dois eixos e seis classes que organizam discursos sobre as agressões sofridas e as crenças que elas ensejam. A análise e discussão dos resultados foram feitos à luz dos referenciais teóricos das representações sociais de Serge Moscovici e das crenças disfuncionais de Aaron T. Beck, demonstrando a presença de crenças centrais de desvalor.

Palavras-chave: Violência Física; Representações Sociais; Mulheres; Relações Amorosas; Crenças Centrais.

ABSTRACT: The aim of this study is to investigate the social representation of physical violence suffered by women in romantic relationships. The research took place in four Psychosocial Care Centers (CAPS) in the city of Goiânia through open interviews that were recorded and later transcribed and organized to be analyzed by the IRAMUTEQ software through Descending Hierarchical Classification (CHD). Twelve women who suffer physical violence in their current romantic relationships were interviewed. Through the CHD, a Dendrogram was obtained consisting of two axes and six classes that organize discourses about the aggressions suffered and the beliefs that they give rise to. The analysis and discussion of the results were carried out in the light of Serge Moscovici's theoretical frameworks of social representations and Aron Beck's dysfunctional beliefs, demonstrating the presence of central beliefs of unworthiness.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO)

Keywords: Physical Violence; Social Representations; Women; Romantic Relationships; Core Beliefs.

Introdução

A violência contra a mulher é um fenômeno sociocultural que atualmente tem ganhado visibilidade nas mídias. “O assunto tem sido amplamente discutido e por isso constitui-se numa das práticas mais denunciadas no mundo” (Jesus, 2010, p. 8), com dados estatísticos que revelam o seguinte: “35% das mulheres do planeta já sofreram algum tipo de violência física e/ou sexual” (Garcia, 2016, p. 452).

A violência contra a mulher foi pronunciada na Conferência de Beijing como “qualquer ato de violência que tem por base o gênero e que resulta ou pode resultar em danos ou sofrimento de natureza física, sexual ou psicológica, inclusive ameaças, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade, quer se produzam na vida pública ou privada” (Cavalcanti, 2006, p. 32). Por ser um assunto polêmico, que participa das conversações ordinárias e afeta as condutas de homens e mulheres, este estudo se dedica a analisa-lo sob os pressupostos teóricos da teoria das representações sociais, definindo, como grupo investigado, as mulheres que sofrem, violência física em suas relações amorosas.

Apesar de reconhecer os malefícios da violência simbólica, que se exerce essencialmente pelas vias sutis da comunicação, do conhecimento, ou do desconhecimento, do reconhecimento ou do sentimento como afirmava Bourdieu (2002, p. 6-7), optamos por investigar a violência crua, que afeta, machuca e fere o corpo.

Na Lei Maria da Penha (*Lei nº 11.340* de 7 de agosto de 2006) esse tipo de violência é descrito como “qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal” (p. 16). Werba (2002) a exemplifica como

[...] tapas, empurrões, socos, mordidas, chutes, queimaduras, cortes, amarramentos e estrangulamentos, lesões por armas ou objetos, obrigar a tomar medicamentos desnecessários ou inadequados (tais como álcool, drogas ou outras substâncias, inclusive alimentos), tirar de casa à força, arrastar, arrancar a roupa, abandonar em lugares desconhecidos e omitir cuidados e proteção (Werba, 2002 citado por Narvaz & Koller, 2006, p. 8).

Por fim, “na atualidade, diante da estrutura patriarcal que se encontram alicerçadas as sociedades, umas das perguntas que pairam no contexto da relação das mulheres com as violências sofridas são os motivos que as levam a perdoarem constantemente seus agressores” (Angelim, Schaper & Gross, 2016, p. 110). Uma das respostas que pode ser delineada surge quando se relaciona as mulheres com a religião (Angelim, Schaper & Gross, 2016), o que foi trazido por Orozco (2009, p 134-135).

em decorrência do papel social e das expectativas que as sociedades patriarcais construíram para as mulheres, elas encontram na religião fundamentos que legitimam seu papel de esposa e mãe de família. A partir de sua formação religiosa, as mulheres buscam força na própria religião para efetivarem seu papel de resolução de problemas domésticos. A ideia que permanece é de estarem disponíveis a doarem-se para as outras pessoas, sem levar em conta suas vontades e desejos, buscando sempre o bem da família.

Sem desprezar o papel das crenças religiosas, neste artigo, tem-se a hipótese de que a permanência das mulheres em relações fisicamente violentas deve-se também a crenças de desvalor. Segundo Beck (1997) as crenças dos seres humanos são estruturadas em níveis de cognição, se organizando das mais externas até às mais interiores. Neste estudo serão enfatizadas as mais profundas, as quais são denominadas

de crenças centrais ou nucleares, sendo consideradas pensamentos/ideias mais profundos e cristalizados acerca de si mesmo, dos outros e dos seus mundos.

Existem crenças centrais que são funcionais e por isso, apresentam níveis apropriados de bem-estar nas dimensões psicológica, social, biológica e até espiritual. Mas existem aquelas que são disfuncionais ou mal adaptativas, sendo que de acordo com Knapp et al. (2004), estruturam-se em três classes: crenças nucleares de desamparo, desamor e desvalor.

A crença de desvalor, portanto, faz parte de um grupo de crenças profundas, nucleares e disfuncionais e se evidencia quando uma pessoa sente-se incapaz, incompetente, inadequado, ineficiente, falho, defeituoso, fracassado e sem valor (Knapp, 2004). Vale destacar que “as crenças centrais disfuncionais são absolutistas, generalizadas e cristalizadas; podem permanecer latentes durante todo o tempo, sendo ativadas nos transtornos emocionais” (Knapp et al., 2004, p. 23).

Nesse sentido, utilizamos como pressuposto teórico-metodológico, a Teoria das Representações Sociais, caracteristicamente pertencente à Psicologia Social europeia, a fim de perscrutar as crenças dessas mulheres. Mas em busca de interpretá-las, utilizaremos a Teoria Cognitivo-Comportamental, de vertente clínica da Psicologia, como explicaremos a seguir.

De acordo com Sá (1996), a dimensão cognitivo-estrutural das RS, a qual se constitui na Teoria do Núcleo Central (TNC) foi proposta em 1976, por Jean-Claude Abric (1941-2012). Ele inspirou-se em “proposições anteriores de Fritz Heider (1896-1988) e de Solomon Eliot Asch (1907-1996), no âmbito da Psicologia Social Norte-Americana, quanto à organização centralizada dos fenômenos de atribuição e formação de impressões” (Sá, 1996, p. 20). Bem como, pode-se afirmar que a grande Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (1925-2014), uma fonte

mais próxima àquele autor, também o inspirou “com a importância genética que confere, na explicação das representações sociais, à constituição de um núcleo figurativo, ou seja, uma reorganização imagética de elementos cognitivos privilegiados” (Sá, 1996, p. 21). Isso significaria que “esses elementos, descontextualizados em relação à estrutura original do objeto representado e às suas condições conjunturais, gozariam de considerável autonomia na moldagem do conhecimento sobre tal objeto e tudo o que com ele possa está relacionado” (Sá, 1996, p. 21).

É oportuno destacar que em seus estudos Moscovici concluiu que a finalidade precípua de todas as representações sociais é tornar familiar algo não familiar. Isso significa que o indivíduo precisa conhecer o objeto ou sujeito para representar (Moscovici, 2010).

Jean-Claude Abric vai pontuar que a representação “é um sistema de pré-codificação da realidade porque ela determina um conjunto de antecipações e expectativas” (Abric, 1998, p. 28). Com isso, “Abric postula que toda representação está organizada em torno de um núcleo central que é seu elemento fundamental e é ele quem determina sua significação e sua organização” (Bertoni & Galinkin, 2017, p. 111). O referido núcleo, para Abric, assumirá duas funções.

Uma função geradora: ela é o elemento através do qual se cria, ou se transforma, o significado dos outros elementos constitutivos da representação. É através dele que os outros elementos ganham um sentido, um valor. Uma função organizadora: é o núcleo central que determina a natureza dos elos, unindo entre si os elementos da representação. Neste sentido, o núcleo é o elemento unificador e estabilizador da representação. (Abric, 1998, p. 31)

Abric, então, ao elaborar a TNC, se propôs a resolver duas características das RS que eram um tanto quanto paradoxais e soavam desconcertantes para os estudiosos

da área (Sá, 1996). São elas: “as representações sociais são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis (Abric, 1994b, p. 77); e “as representações são consensuais, mas também marcadas por fortes diferenças interindividuais” (Abric, 1994b, p.78). Sendo assim, “a possibilidade de solução residiu basicamente em convir que se tratam, a rigor, das próprias características estruturais das representações e de seu modo de funcionamento” (Sá, 1990, p. 22). Desta feita, haveria então, em primeiro lugar, um sistema central, constituído pelo núcleo central da representação (Abric, 1994b), “cuja determinação é essencialmente social, ligada às condições históricas, sociológicas e ideológicas; diretamente associado aos valores e às normas. Ele define os princípios fundamentais em torno dos quais se constituem as representações” (Parreira et al., 2018, p. 59). E, em segundo lugar, haveria um sistema periférico constituído pelos demais elementos da representação, que, provendo a “interface entre a realidade concreta e o sistema central” (Abric, 1994b, p. 79 citado por Sá, 1996, p. 22) “atualiza e contextualiza as determinações normativas e consensuais deste último, daí resultando a mobilidade, a flexibilidade e a expressão individualizada das representações sociais” (Sá, 1996, p. 22).

Vale ressaltar que para Abric, o núcleo central da representação social é composto por normas, crenças e valores (Spadoni, 2009). Desta forma, pode-se concluir que as crenças se localizam estruturalmente no núcleo central das representações sociais.

De acordo com J. Beck (1997, 2005), as crenças são também estruturadas, e se organizam em profundidade de níveis de cognição, sendo que são mais centrais ou nucleares. Para Knapp et al. (2004) elas são incondicionais e independem da situação apresentada ao indivíduo e fazem com que o indivíduo ignore e não reconheça dados contrários à própria crença e, principalmente, foque sua percepção, seletivamente, em

dados que confirmem suas crenças. De acordo A. Beck, Rush, Shaw e Emery (1997) as crenças são moldadas por experiências e interpretações que foram estabelecidas em um contexto temporal (i.e., dentro de uma determinada época) de vivências.

A organização proposta por Aaron Beck e Jean Claude Abric coincidem em afirmar que a cognição se organiza em componentes mais centrais e mais periféricos, embora o primeiro se refira a crenças individuais e o segundo a representações sociais. Rouquette criou, em 1973, o conceito de “arquitetura do pensamento social” e com isso o autor integrou hierarquicamente “as diferentes formas desse tipo de pensamento, segundo dois princípios ou critérios: estabilidade e integração” (Vasquez & Andrade, 2019, p. 12). E assim diante desse pressuposto “é possível fazer referência às opiniões como as formas mais instáveis e específicas do pensamento social, enquanto a ideologia se caracterizaria por ser mais geral e estável ao longo da história” (Vasquez & Andrade, 2019, p. 13).

Como já pontuado por Rouquette (2009) o que permite construir as representações sociais são os componentes ideológicos e “nestes estão contidas as crenças, os valores, as normas” (Spadoni, 2009, p. 73). Assim, fica explícito que as crenças centrais de Aaron Beck, como alvo também deste estudo, estão contidas nos componentes ideológicos e são a partir destes que as RS são construídas, desse modo há uma correlação de dependência entre ambos.

É bem verdade que a problemática sofrida pelas mulheres atravessam suas vivências e experiências. E é a partir destas que são construídas as RS. Vale ressaltar que as RS podem ser definidas como um conjunto de pensamentos e ideias que possibilitam, aos indivíduos, emitirem explicações acerca de um dado, um acontecimento, uma pessoa ou mesmo um objeto. Tais explicações acabam por se

configurarem em um sistema de valores e práticas que têm vida própria e assim influenciam diretamente o modo de ser e agir das pessoas (Moscovici, 1978).

Método

Trata-se de uma pesquisa de campo realizada a partir de entrevistas com mulheres que sofreram ou sofrem violência física em suas relações amorosas. As entrevistas foram transcritas e organizadas para posteriormente serem tratadas com técnicas próprias da abordagem estruturalista das representações sociais. Vale ressaltar que a presente investigação foi inserida no Processo (CAAE 40247420.4.0000.0037) do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás, o qual tem vinculação direta com a Plataforma Brasil do Ministério da Saúde. Posteriormente aquele Comitê enviou a este pesquisador o Parecer nº 4.612.488, datado de 25 de março de 2021, com a seguinte situação: aprovado.

A Pesquisa foi composta por 12 mulheres vítimas de violência física no contexto de uma relação amorosa com homem, sem qualquer vínculo de parentesco, que possa ser considerada uma relação incestuosa. A coleta de dados foi realizada no período de maio de 2021 a março de 2022 e ocorreu, conforme mostra a Tabela 1, em quatro Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de Goiânia.

Tabela 1

Participantes por Campo de Pesquisa

Campos de pesquisa	Quantidade de participantes
CAPS Novo Mundo	4
CAPS Vida	5
CAPS Casa	1
CAPS Beija-flor	2

Fonte. Os autores.

Os instrumentos utilizados foram um questionário para coleta dos dados demográficos e socioeconômicos, uma entrevista com perguntas abertas e parcialmente estruturada por roteiro prévio, que foi gravada para posterior transcrição. As participantes foram denominadas com nomes de pedras preciosas, o que foi feito para preservar as suas identidades. A seguir, pode-se observar o perfil sociodemográfico das mulheres que, voluntariamente, participaram do estudo.

Tabela 2

Dados sociodemográficos mais relevantes

Participante	Idade	Est. civil	Filhos	Escolaridade	Renda (*)
01. Jade	42	Casada	4	Médio incompleto	2.000,00
02. Rubi	40	União Estável	1	Fundamental incompleto	1.500+auxílio emergencial
03. Esmeralda	45	Casada	2	Superior incompleto	Auxílio emergencial
04. Ametista	46	Divorciada	1	Fundamental incompleto	Auxílio emergencial
05. Diamante	43	Casada	2	Médio incompleto	2.000,00
06. Topázio	48	Separada Judicial	5	Fundamental incompleto	900,00+ 400,00(pensão)
07. Safira	46	Divorciada	2	Superior completo	6.000,00
08. Pedra do sol	47	Casada	5	Fundamental incompleto	1.300,00
09. Azurita	42	Divorciada	1	Superior incompleto	1.800,00
10. Pedra da lua	25	Solteira	1	Médio completo	2.200,00
11. Turquesa	49	Casada	4	Fundamental incompleto	800,00
12. Granada	41	Divorciada	3	Fundamental incompleto	1.200,00

Nota. (*) Significa a Renda Salarial total da família

Fonte. Os autores.

Após a minuciosa organização das transcrições, o *corpus* textual foi devidamente tratado pelo Software *IRAMUTEQ*. É oportuno destacar que este se vale de

uma estatística textual, bem como de um tratamento automático do discurso, os quais são viabilizados pela lexicometria (Marchand & Ratinaud, 2012). Esta se define como um conjunto de operacionalizações que se baseiam em critérios fixos, que possibilitam uma reorganização da estrutura textual ou dos segmentos de textos (Lebart & Salem, 1988). Desse modo, a abordagem, ou seja, a lexicometria, “pode ser caracterizada como uma estratégia que aplica métodos quantitativos (estatística descritiva e inferencial) a dados qualitativos (textos) com o objetivo de realizar observações sobre as características de um conjunto de comunicações [e.g., aspectos semântico-lexicais e pragmáticos]” (Sousa, 2021, p. 1543).

Para a análise dos dados utilizou-se o *Software IRAMUTEQ* por meio do qual foi processado o Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Esta análise visa obter classes de segmentos de texto e, simultaneamente, traz vocabulários semelhantes dentro de cada classe, bem como vocabulários distintos nos segmentos de texto das outras classes (Camargo & Justo, 2018).

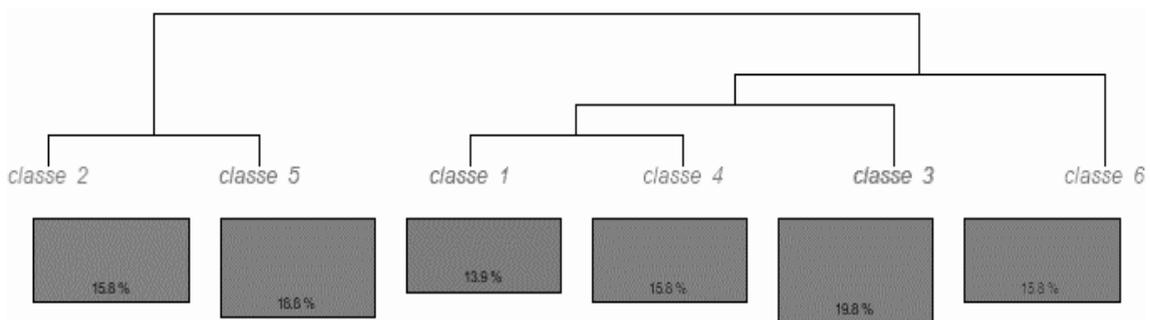
Resultados

Para fazer o tratamento das respostas que foram obtidas com as Entrevistas semiestruturadas utilizou-se a CHD ou método de Reinert. O número de textos tratados foram 12 (corresponde exatamente ao total de participantes); foram operacionalizados 133 segmentos de textos; o número de ocorrências ficou em 4.897 (significa o total de palavras); o número de formas resultou em 1001 (equivale às palavras distintas encontradas). Por último obteve-se que dos 133 segmentos de textos foram processados 101, o que equivale a 75,94%. No tocante a este percentual tem-se que, para Camargo & Justo (2018), a partir de 75% é possível o *software* realizar a CHD de forma a trazer resultados válidos e analisáveis. Sendo assim, o presente processamento ficou dentro da margem preconizada.

Antes de serem apresentadas as categorias e classes que resultaram a partir da operacionalização da CHD vale ressaltar que este tipo de análise “executa cálculos cruzando os segmentos de textos e as palavras por meio da associação estatística do quiquadrado (X^2) (Fernandes, Hortêncio & Andrade, 2017, p. 45). Há também o desenho de áreas lexicais estabelecendo um recorte das diversidades, com isso o software amplia a visualização do pesquisador para que este não se fixe unicamente nas classes lexicais (Fernandes, Hortêncio & Andrade, 2017). Desta feita, o produto resultante da CHD chama-se dendrograma, o qual está disposto na figura abaixo.

Figura 1

Dendrograma resultante da CHD das narrativas trazidas por ocasião das Entrevistas semiestruturadas com as participantes



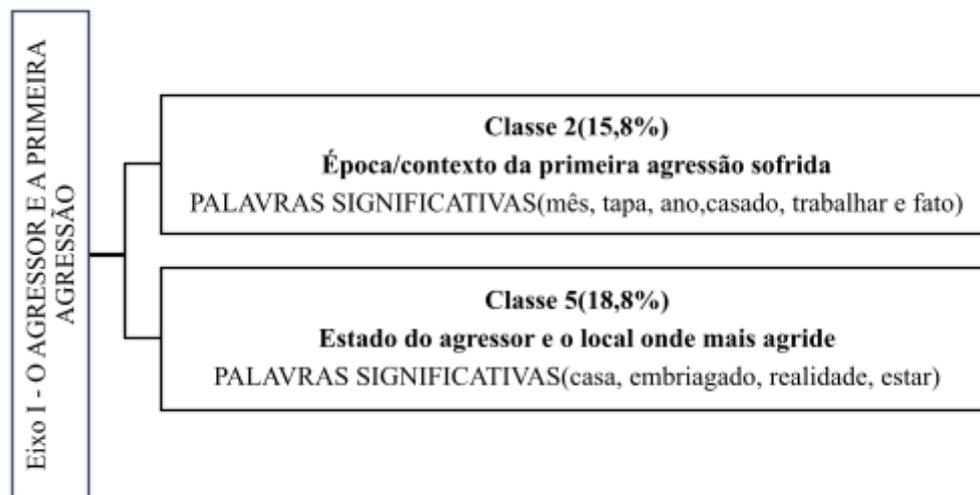
Nota. Produzido pelo *Software IRAMUTEQ*, em decorrência da análise dos segmentos de textos operacionalizados na CHD.

Foram identificadas 6 classes distribuídas em dois eixos ou categorias: o primeiro composto pela classe 2 (15,8% dos segmentos de texto) e pela classe 5 (18,8% dos segmentos de texto); e o segundo foi constituído pelas classes 1, 4, 3 e 6, as quais apresentaram, respectivamente, os seguintes percentuais dos segmentos de texto (13,9%, 15,8%, 19,8% e 15,8%).

O Eixo I, como se vê na Figura 2, foi denominado de “O agressor e a primeira agressão” e constitui-se de duas classes (2 e 5).

Figura 2

Eixo I e suas respectivas classes



Fonte. Elaborado pelos autores a partir do Dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

A classe 2 (15,8%) recebeu a denominação de *Época/contexto da primeira agressão sofrida*, foi assim chamada por ter trazido as histórias da primeira vez em que foram agredidas. As palavras que compõem essa classe são: mês, tapa, ano, casado, trabalhar e fato. Algumas dessas palavras são descritivas do tempo em que ocorreu o fato, sendo o mês ou o ano; do modo de agressão começando por um tapa; e das circunstâncias de ser casado ou de trabalhar. A seguir estão as falas das participantes que contextualizam a referida classe.

*p_02. Fui agredida pela primeira vez quando levei um **tapa** na cabeça, o **fato** se deu quando eu estava grávida de 6 **meses**, tinha 1 ano que a gente estava junto.*

*p_05. Fui agredida pela primeira vez quando eu tinha 23 anos, foi uma briga que eu tive com meu ex-marido, o **fato** se deu porque eu queria estudar e **trabalhar**, ele não concordava, aí quebrou as coisas de casa e me agrediu.*

*p_06. Foi no meu primeiro **casamento**. Foi quando ele me empurrou. Eu estava grávida de dois **meses** do meu segundo filho. Ele queria viver vida de solteiro e não como **casado**. Ele falou que ia sair e eu pedi para ele não sair, pois eu estava sentindo muita cólica. Mesmo assim ele me empurrou e me xingou de desgraçada. Eu caí sentada na cozinha. Eu tinha 19 anos.*

A classe 5 (18,8%) com a denominação de *Estado do agressor e o local onde mais agride*, foi assim chamada pelo fato de conter afirmações que denotam embriaguez por parte dos homens quando agrediram as mulheres. O local de ocorrência das agressões, de forma unânime, ser nas residências, seja do próprio casal ou dos pais dela ou dele. As palavras mais significativas foram: casa, embriagado, realidade e estar. A seguir estão as falas das participantes que contextualizam a referida classe.

*p_11. A gente estava na **casa** da mãe dele, ele estava bebendo e fumando crack e pelo jeito já **estava embriagado** quando me agrediu.*

*p_01. Na **realidade** ele só me agredia quando **estava embriagado**, estava tendo uma festinha por causa do casamento da minha cunhada. Eu queria ir para minha **casa**, eu estava cansada, mas ele queria que eu ficasse lá na festinha. Quando chegamos em casa, de repente eu nem percebi, só senti que estava vendo faíscas. Ele tinha me dado um murro no olho, até ele assustou, pois inchou na hora.*

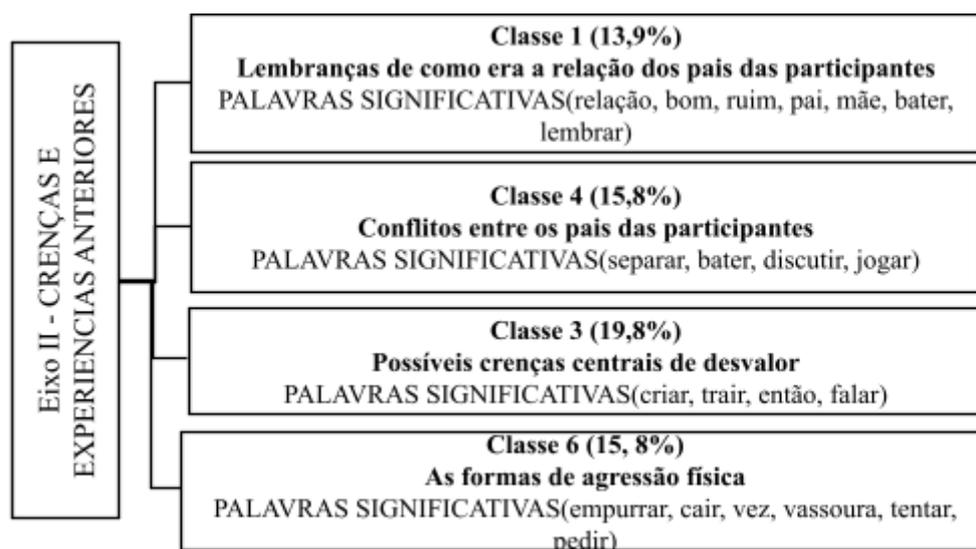
Lucena et al. (2016, p. 4) conduziram pesquisas que possibilitaram construir um ciclo, no qual a primeira fase seria a de tensão e esta é “permeada, inicialmente, por insultos, humilhações, intimidação, provocações mútuas, gerando conflitos e tensão”. Nessa primeira fase, há um contexto abundante de violência psicológica e moral, sendo que a agressão e a violência física, propriamente dita, só aconteceria numa segunda fase.

Infere-se, com isso, que essas mulheres, por já terem um histórico abundante de sofrimento por violência física, já consideram as violências psicológica e moral como naturalizada. É como se esta tivesse se tornando, pelas vias simbólicas da comunicação, invisível às vítimas (Bourdieu, 2002).

O Eixo II, como se vê na Figura 3, foi denominado de *Crenças e experiências anteriores* pois revelam que essas mulheres relatam ter sofrido violência na família de origem, bem como, aquelas trazem algumas crenças internalizadas. Esse Eixo se organiza em quatro classes, que no Dendrograma são as de números 1,4,3 e 6.

Figura 3

Eixo II e suas respectivas classes



Fonte. Os autores a partir do Dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

É importante perceber que essas classes possuem um conjunto de relações que as interligam entre si, pois a classe 6 contém a classe 3, que por sua vez contém as classes 4 e 1.

A classe 6 (15,8%), sendo a mais ampla e que abarca todas as demais, foi denominada de *as formas de agressão física*. Foi assim chamada por trazer relatos das

entrevistadas de como eram agredidas, na maioria das vezes, envolveram empurrões, que levaram essas mulheres a cair, sendo comum o uso da vassoura para perpetrar agressões físicas. Nessa classe, fica claro que as mulheres tentavam pedir que parassem, sendo esta a principal reação delas no momento. Também aparece agressões físicas que elas sofriam dos genitores e até de padrastos. As palavras mais significativas foram: empurrar, cair, vez, vassoura, tentar e pedir. A seguir estão as falas das participantes que contextualizam a referida classe.

*p_06. Aí eu falei você vai machucar o meu filho e se isso acontecer eu vou te pôr na cadeia, mesmo assim ele me **empurrou** e me xingou de desgraçada, **caí** sentada na cozinha, eu tinha 19 anos.*

*p_12. Teve uma **vez** que ele (padrasto) me deu uma surra, me bateu muito. Eu tinha uns 12 anos. E foi a minha mãe que mandou. Ele me bateu de corda. Eu quase morri. Fiquei toda machucada.*

*p_04. Ele pegou e me bateu, **empurrou** a minha cabeça na parede e eu desmaiei, aí já acordei no banheiro com ele me lavando e **pedindo** pelo amor de Deus para eu acordar.*

*p_04. Eu lembro de uma vez que eu fiz um repolho salgado e ela pegou esse repolho e fez eu comer, pegou um cabo de **vassoura** e ia enfiando na minha boca.*

A classe 3 (19,8%) contém as classes 4 e 1, e foi denominada de *Possíveis crenças centrais de desvalor* pelo fato de haver nos relatos das mulheres, um *insight* de que elas foram educadas sem o apreço e cuidado de seus genitores e também de seus padrastos, o que as fez internalizarem que não tinham valor. Nessa classe, as mulheres contam suas histórias de “então”, ou seja, do passado, da infância e adolescência, falam

de traição e violência na forma como foram criadas. Seguem abaixo as falas que as confirma, de acordo com as palavras mais significativas (criar, trair, então e falar):

*p_07. **Então** essas palavras determinaram muito as nossas escolhas erradas, eu **falo** assim **criou** uma crença na nossa cabeça de não ter valor, daí que eu acho que isso foi a base de tudo no meu entendimento.*

*p_12. Eu e meus irmãos não tivemos amor e carinho nem de pai e nem de mãe, a minha irmã mais velha é filha de outro pai e essa minha irmã **fala** que o pai dela era muito amoroso.*

*p_12. Ela brigava muito com meu pai aí ela se separou dele e arrumou outro que judiava dela. Eu tinha uns 10 anos. **Então** essa segunda pessoa judiava também de nós.*

*p_06. E **então** também o meu pai deu um murro na minha mãe, foi quando ele foi separar dela. E eu era o saco de pancada dele, ele me batia muito (tudo que os outros irmãos faziam eu era que pagava), e eu fui também abusada por ele.*

*p_07. Contudo, eu não tive uma estrutura familiar. Eu fui **criada** numa família desestruturada. Até os 6 anos eu presenciei brigas dos meus pais e a partir daí houve o divórcio.*

*p_04. Eu acho **então** que eu venho carregando uma mala que vem lá de trás, pois o meu pai batia na minha mãe e a minha vó me agredia. Os meus avós maternos se agrediam (se jogavam coisas). Eu também fiz muitas escolhas erradas na minha vida, eu já nasci na família errada.*

As crenças centrais de desvalor trazem como exemplo, entre outros, o sentimento de ser inadequado, defeituoso, fracassado e sem valor. Cabe destacar que essas crenças centrais ou nucleares vão se formando a partir das experiências de

aprendizado nas experiências mais primeiras e, se não identificadas e reestruturadas, vão se fortalecendo ao longo da vida (Knapp et al., 2004).

A classe 1(13,9%) com a denominação de *Lembranças da relação com os pais* foi assim chamada por apresentar relações familiares conturbadas. As palavras mais significativas foram: relação, bom, ruim, pai, mãe, bater e lembrar, as quais revelam que alguém batia na relação entre o pai e a mãe, o que mostra uma dicotomia entre o bom e ruim que permeava essas famílias. Seguem abaixo as palavras que confirmam a referida classe.

*p_03. A **relação** do meu **pai** com a minha **mãe** não era boa. O meu pai era uma pessoa muito ruim, ele teve uns 11 filhos fora do casamento com a minha mãe.*

*p_11. O meu **pai** nunca bateu na minha **mãe**. Eu sei que quando ele bebia, ele quebrava as coisas em casa, mas não **batia** na minha mãe. Eu **lembro** que eles dormiam separados e aí **batiam** boca, pois ela gostava da Igreja e ele não.*

Quando ele descobriu que ela estava indo para a Igreja escondido, ele não quis mais ela. Com isso ele foi embora.

A classe 4 (15,8%) com a denominação de *Conflitos entre os pais das participantes* foi assim chamada por trazer elementos dos conflitos entre os genitores de das entrevistadas, com lembranças de separação, violência física e verbal. As palavras mais significativas foram separar, bater, discutir e jogar. Abaixo estão as falas que confirmam a referida classe.

*p_07. Então refez a vida dele, eu tenho uma única lembrança deles juntos. Foi quando eu tinha uns 6 anos. Eles estavam brigando depois do almoço. Ele estava comendo um pedaço de rapadura e **discutiu** com ela. Aí **jogou** aquele pedaço de rapadura na janela e esta quebrou.*

*p_03. Eu lembro que o meu pai **batia** na minha mãe. Eu presenciava as agressões. E eu não vi acontecer com primas, sobrinhas, tias, etc.*

Diante disso faz-se a seguinte ressalva: certamente, em grande parte das participantes, essas crenças de desvalor se moldaram pela via da convivência com os seus cuidadores, o que se confirma pelas falas que contextualizam a classe 1 sobre as lembranças de como era a relação dos pais. Nesta encontrou-se conteúdo de relações desarmônicas e desiguais entre os pais, bem como há uma falta de cuidado e apreço destes por aquelas mulheres, quando na fase da infância. Em igual medida, pode-se dizer também que a classe 4 (15,8%) que descreve os conflitos entre os pais das participantes, colaborou, também, significativamente, para a internalização das crenças centrais de desvalor nas participantes. Tendo em vista que estas, quando crianças, presenciavam trocas de insultos verbais e agressões físicas. Com isso, as classes 1 e 4 corroboram com a visão distorcida que aquelas mulheres construíram de si mesmas tem uma relação direta com o modo como elas foram tratadas, bem como com a maneira que as mesmas interpretaram as suas vivências resultantes das inter-relações com seus genitores.

Além disso, na classe 6 que trata das formas de agressão física, foi possível constatar que a maioria delas eram agredidas fisicamente pelos seus companheiros com empurrões, estes direcionados tanto aos seus corpos como também contra as suas cabeças. Mas aparece nesta classe também os relatos de agressões não só dos companheiros, mas também dos genitores e padrastos. Desse modo infere-se que possa haver uma relação entre as agressões físicas que elas sofriam nas suas relações amorosas e as que sofreram dos seus genitores, padrastos e até de outros parentes.

Discussão

Os dados desta pesquisa revelam pontos em comum que compõem a representação social dessas mulheres que sofrem violência física. Os discursos, captados pela entrevista aberta, se estruturam em dois eixos que denotam o contexto da primeira agressão e as experiências anteriores e posteriores a ela.

Sobre a primeira agressão, é afirmado que ela ocorre dentro de um domicílio, seja na própria residência do casal ou na casa dos pais de um dos dois. Vale destacar que esse dado demonstra que a agressão ocorre em ambiente privado e protegido, longe do olhar e da vigilância pública, na qual essa mulher poderia obter alguma ajuda, ou, até mesmo, o agressor ser contestado. Em que pese o estado de embriaguez do agressor, isso não é suficiente para expor, publicamente, a agressão.

Sobre as experiências anteriores à primeira agressão, as mulheres relatam que sofreram violência por parte dos seus pais, padrastos, mães e avós. Esses relatos demonstram que a convivência com a violência familiar também era presente em suas famílias parentais. Elas vivenciaram esse tipo de violência desde criança. Diante dessa informação cabe fazer a seguinte ressalva: a etapa do desenvolvimento infantil é marcante para o ser humano, e pode influenciar, decisivamente, as fases subsequentes.

Quando relatam suas experiências da infância, essas mulheres demonstram crenças disfuncionais ou mal adaptativas, especialmente crenças de desvalor, através de frases como: *eu já nasci na família errada (P7)*, *eu fui criada numa família desestruturada (P4)*, *eu era o saco de pancada dele (P6)*. Essas crenças, possivelmente, compõem o núcleo da representação social da violência física, destacando a necessidade de se aprofundar, em estudos posteriores, que sejam identificadas e discriminadas as crenças que, ideologicamente, estruturam as representações e as práticas sociais.

Sobre as experiências após a primeira agressão, percebe-se que as violências vividas por essas mulheres incluem empurrões e atos usando a vassoura (e.g., como enfiar o cabo na boca ou bater com o mesmo). A pesquisa mostrou também que os abusos eram tão aviltantes que aquelas mulheres, em sua maioria, não reconheciam que sofreram violência psicológica ou moral, pois as mesmas já iam relatando, de imediato, os danos físicos. Isso traz uma constatação de que, salvo melhor juízo, as mulheres que sofrem violência física parecem não mais reconhecer as outras formas de violência, havendo, desta forma uma naturalização das mesmas.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa constatou-se que no núcleo da representação social da violência física estavam contidas as crenças centrais disfuncionais de desvalor daquelas mulheres que participaram, voluntariamente, do estudo. E aquelas representações foram construídas, em sua maioria, na fase da infância das participantes. Sendo assim, entende-se que, em grande medida, a violência sofrida por mulheres em relações amorosas está enraizada nas suas vivências e experiências com seus cuidadores.

Neste sentido, espera-se que os leitores e leitoras que leem este trabalho, especialmente as mulheres que sofrem ou sofreram agressões e maus-tratos dos seus companheiros, consigam ter algum *insight* acerca dos acontecimentos ocorridos no âmbito das suas vivências e experiências com seus cuidadores. E, a partir de então, possam ter um novo olhar para o que elas vivenciaram quando criança, haja vista que esta etapa do desenvolvimento humano é marcante, bem como as relações vivenciadas naquela fase podem fazer uma significativa diferença nas fases subsequentes, pois irão influenciar a nossa visão de mundo, como também balizarão os nossos comportamentos e as nossas ações.

Por fim, é de fundamental importância deixar registrado que a referida pesquisa não esgota todos os vieses investigativos pela lente das RS acerca deste sensível e delicado fenômeno social. Entretanto, certamente, deixa suas contribuições para as próximas investigações que versarem sobre o referido tema e forem executadas na cidade de Goiânia.

Referencias

- Abric, J.C. (1994). L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique, In, C. Guimelli (Org.) *Structures et Transformations de s Représentations Sociales*. Neuchâtel:Delachaux et Niestlé.
- Abric, J.C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In Moreira, A. S. P., & Oliveira, D. C. (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. AB.
- Angelim, R., Shaper, V. G., & Gross, E. (Eds.). (2016). *Religião, política e democracia na América Latina*. Faculdades EST, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.
- Bertoni, L. M., & Galinkin, A. L. (2017). Teoria e métodos em representações sociais. In Mororó, L. P., Couto, M. E. S., & Assis, R. A. M. (Orgs.), *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias* (pp. 101-122). EDITUS.
- Beck, J. S. (1997). *Terapia Cognitiva: teoria e prática*. Artmed.
- Beck, J. S. (1995). *Cognitive therapy: basics and beyond*. Guilford Press.
- Beck, A., Rush, A., Shaw, B., & Emery, G. (1997). Uma visão geral. In A. Beck, *Terapia cognitiva da depressão* (pp. 3-26). Artmed.
- Bourdieu, P. (2002). A dominação masculina. Bertrand Brasil. Traduzido por M. H. Kühner
- Brasil. (2006). Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2018). *Tutorial para uso do software IRAMUTEQ*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição: UFSC.

- Cavalcanti, S. V. S. F. (2006). *Domestic violence against women: prevention, repression, and public policies in Brazil* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Alagoas].
- Fernandes, J. S. G., Hortêncio, B. C., & Andrade, M. S. (2017). Representações Sociais de idosos sobre família. *Ciências Psicológicas*, 11(1), 41-48.
- Garcia, L. P. (2016). A magnitude invisível da violência contra a mulher. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25(3), 451-454.
- Jesus, D. (2010). *Violência contra a mulher: aspectos criminais da Lei n. 11.340/2006*. Saraiva.
- Knapp, W. P. (2004). *Terapia Cognitivo-Comportamental na prática psiquiátrica*. Artmed.
- Lebart, L., & Salem, A. (1988). *Analyse statistique des données textuelles*. Dunod.
- Lucena, K. D. T., Deininger, L. S. C., Coelho, H. F. C., Monteiro, A. C. C., Vianna, R. P. T., & Nascimento, J. A. (2016). Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *J. Hum. Growth Dev.* 26(1), 139-146.
<http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.11923>
- Marchand, P., & Ratinaud, P. (2012). L'analyse de similitude appliqué aux corpus textuelles: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française. In *Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. JADT 2012*. (687–699). Presented at the 11eme Journées internationales d'Analyse Statistique des Données Textuelles. JADT 2012. Liège, Belgique.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Zahar.
- Moscovici, S. (2010). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social* (7 ed.). Vozes.

Narvaz, M.G. & Koller, S.H. (2006). Famílias e Patriarcado: da Prescrição Normativa à Subversão Criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55.

Orozco, Y. P. (Ed.). (2009). Religiões em diálogo: violência contra as mulheres.

Católicas pelo Direito de Decidir.

Parreira, P., Mónico, L., Oliveira, D., Cavaleiro Rodrigues, J., & Graveto, J. (2018).

Abordagem estrutural das representações sociais. In Parreira, P., Sampaio, J. H., Mónico, L., Paiva, T., & Alves, L. (Coords.), *Análise das representações sociais e do impacto da aquisição de competências em empreendedorismo nos estudantes do Ensino Superior Politécnico* (pp. 55-68). Guarda: IPG/PIN.

Rouquette, M. L. (2009). Introduction. In Rouquette, M. L. (Ed.), *La pensée sociale* (pp. 5-10). Érès.

Sá, C. P. (1996). Representações Sociais: teoria e pesquisa do Núcleo Central. *Temas em Psicologia*, (3), 19-33.

Sousa, Y. S. O. (2021). O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para pesquisas qualitativas. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(4), 1541-1560. <https://doi.org//10.12957/epp.2021.64034>

Spadoni, L. M. L. (2009). *Psicologia realmente aplicada ao direito*. 2t.

Spadoni, L. M. L., Zanatta, B. A., Andrade, B. A., & Rodrigues, A. K. (2017).

Aproximações e divergências: Diálogos possíveis entre Vygotsky e Moscovici. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 14(37).

Vásquez, G. E., & Andrade, R. G. N. (2019). Redes sociais digitais: a lógica do pensamento social em eventos de mobilização coletiva. *Polêmica*, 19(1), 01-19.

Werba, G. C. (2002). *Quero ficar no teu corpo... Violência contra o corpo da mulher*. In I Jornada Gênero e Corpo. PUCRS.